



MARCAS DA IDENTIDADE HÚNGARA NO MUNDO APÓS 1989

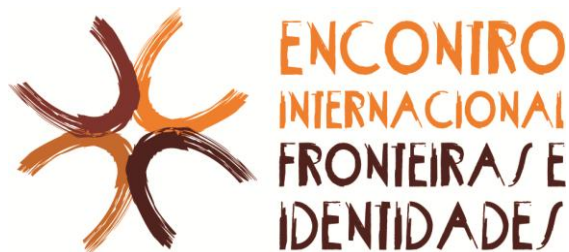
Raquel Belisario da Silva¹

RESUMO: Os eventos traumáticos do século XX iniciaram complexos processos de formação de novas nações, fortalecendo determinadas marcas de identidades em detrimento de outras. Após o final da II Guerra, houve um momento de tentativas de reconstrução, fosse de espaços geográficos devastados, fosse de povos arruinados em suas convicções de pertencimento a um território e a uma nação. Quando o comunismo tomou lugar nos países do leste europeu, sua interferência se fez sentir não só na política, na economia ou na força militar, mas também no seio das escolas, famílias e relações pessoais. A intenção deste trabalho é buscar em um relato de infância - "O rei branco", de György Dragomán - marcas da intervenção do Estado na vida de um criança na Hungria deste período, que possam ser relacionadas em algum sentido à identidade húngara no mundo atual, conforme aparece registrada no romance "Budapeste", de Chico Buarque.

Determinar as marcas que delineiam a identidade de uma nação sem criar ou recriar estereótipos é uma tarefa árdua. Como estamos sempre diante de transformações e, ao mesmo tempo, procuramos registrar do outro alguma impressão que o torne mais “real” para nós, tendemos a simplificar este processo de identificação através da colocação de rótulos ou etiquetas que nos ajudarão a memorizar mais facilmente quem é este outro e evocar futuramente sua existência no mundo. Assim, enquanto alguns povos são identificados por sua alegria e hospitalidade, outros são lembrados por um comportamento arrogante frente ao resto do mundo, e há nações reconhecidas por seu desenvolvimento econômico (renda, produtos, consumo e exportação), ou cultural (educação, produção artística, gastronomia), ou até mesmo por sua religião e política, entre tantos outros aspectos.

A língua também é uma marca importante no reconhecimento de um povo, embora em alguns casos possa ocorrer confusão com relação a países distintos que têm o mesmo idioma como língua oficial. Além disso, quando o idioma oficial de um país não se torna conhecido em outros cantos do mundo, a tendência é que o país acabe sendo visto como exótico, quase um mundo de fantasia que não existe quando os visitantes não estão lá.

¹ PUCRS, Mestranda em Teoria da Literatura/CAPES. E-mail: raquel.belisario@acad.pucrs.br



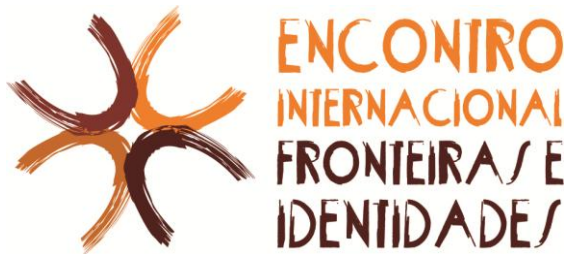
A Hungria, exceto talvez por seus vizinhos mais próximos e um ou outro país mais afastado com o qual mantém relações estreitas por conta da economia ou trocas culturais, é um desses países que se mostram misteriosos aos olhos dos estrangeiros. Não obstante ter desempenhado papel de destaque na história e cultura europeias por muitos séculos, a partir da perda de grande parte do seu território com o tratado do Trianon², em 1920, as forças política e militar foram minguando, enquanto o país se tornava cada vez mais isolado. Por esse tratado, 2/3 das terras magiares foram divididas entre países vizinhos, havendo, inclusive, proibição do uso da língua húngara pelos cidadãos que habitavam as terras comandadas por novos governos.

Mais tarde, em 1940, na tentativa de reaver suas terras, a Hungria se associa ao único país que se propõe a ajudar na recuperação: a Alemanha nazista. Entretanto, com o começo do enfraquecimento dos países do Eixo nos anos finais da II Guerra Mundial, a Hungria tenta um acordo com os Aliados, duplamente sem sucesso: não consegue o acordo que pretendia e é invadida pela Alemanha, como forma de reafirmar a manutenção do apoio inicial. Ao final da guerra, o território húngaro é invadido pelas forças da União Soviética e, nesse momento, apesar do cessar fogo, a vida não volta a florescer, o que resultará em revolta popular dez anos mais tarde:

Eu disse um dia que o assim chamado socialismo era para mim como a pequena madalena que, molhada no chá, evocava para Proust o sabor dos anos passados. Por razões ligadas à língua que eu falava, decidira, depois do esmagamento da revolução de 1956, ficar na Hungria. Assim pude observar, não mais como criança, mas como adulto, o funcionamento de uma ditadura. Vi como uma nação inteira pode ser levada a negar seus ideais e observei os primeiros movimentos, cuidadosos, no sentido da acomodação (...) (Kertész, 2004, p.13)

Imre Kertész, ganhador do prêmio Nobel de Literatura de 2002, ainda era um jovem de dezesseis anos quando retornou à Hungria, após ter passado pelos campos de Auschwitz e Buchenwald, durante a II Guerra. Mesmo sob a condição de ruína em que se encontrava o país, ele decidiu voltar e recomeçar a vida em sua terra natal. Tornou-se escritor e presenciou um novo período de totalitarismo se iniciando, mas se negou a deixar o país, pela sensação de isolamento que a língua húngara lhe causava –voltaremos a tratar deste aspecto mais adiante –

² O tratado do Trianon foi o termo de rendição assinado pela Hungria ao final da I Guerra. Por ele, o país perdeu a maior parte de seu território e população, que foram divididos entre Romênia, Tchecoslováquia, Sérvia e Áustria.



ainda que muitos de seus conterrâneos fizessem isso, após o fracasso da revolução de 1956. Nesse ano, por duas semanas, há uma esperança de renascimento do país, mas logo é apagada com a retomada do poder pelos soviéticos e execução, dois anos mais tarde, do principal nome da revolução: o primeiro ministro Imre Nagy. Desde então, até o ano de 1989, o povo magiar viveu sob o regime comunista sem se envolver diretamente em conflitos políticos.

É nesse contexto, da Guerra Fria, que se insere o relato escrito por György Dragomán em *O Rei Branco*, de 2005 (edição brasileira de 2009). Neste livro, tomamos conhecimento da história do menino Dzsátá, que aos 10 anos de idade vê seu pai ser levado pelo serviço secreto para um campo de trabalhos forçados às margens do Danúbio. Em uma narrativa que costura presente e passado, períodos longos e curtos, Dzsátá vai contando os acontecimentos corriqueiros na vida de um menino de sua idade. Tais fatos, no entanto, estão altamente permeados pela intervenção do Estado socialista.

Será a partir das marcas da intervenção deste Estado autoritário na esfera pessoal da vida dos cidadãos que buscaremos identificar, de alguma forma, aspectos que possamos reconhecer como formadores de uma identidade húngara da atualidade. Para isso, usaremos como contraponto o livro *Budapeste*, de Chico Buarque, elogiado, sobretudo, pela descrição feita da capital húngara, sem que o autor a tivesse visitado nem uma vez até a escrita da narrativa. Este aspecto, que poderia ser considerado irrelevante, será de grande ajuda para nossa análise, uma vez que nos interessa avaliar aqui *as formas de ver* Budapeste que aparecem na fala das personagens José Costa e Vanda sobre este lugar distante de suas realidades.

Obviamente, não pretendemos – e nem poderíamos – esgotar aqui todas as possibilidades de assunto tão controverso quanto as marcas identitárias de um povo. Tendo em vista o pouco material literário disponível do período atual da literatura húngara traduzido para o português e publicado no Brasil, pretendemos apenas esboçar uma aproximação entre as duas narrativas. O intento será visualizar uma *forma de ser húngaro* que Dragomán apresenta pelos olhos de Dzsátá, e as marcas que o *ghostwriter* José Costa, de Chico Buarque, vai elencar como características do país, cuja capital o acolhe como estrangeiro que é. Dito isto, passaremos a uma breve apresentação das duas obras, para depois adentrar os detalhes mais relevantes para a proposta deste estudo.

Em *O Rei Branco*, o narrador conta, de um fôlego, tudo que lhe vem à cabeça no momento em que relembra os episódios de sua infância. Em uma narrativa nada linear, a



maior parte dos diálogos é representada em discurso indireto, entremeando o discurso do narrador. Dzsátá encadeia os fatos de acordo com um fluxo de pensamento livremente associado, conectando o passado narrado a outras lembranças surgidas a partir do próprio relato e ainda a pensamentos circunstanciais sobre seu pequeno conhecimento de mundo. Assim, ele consegue passar, em um único parágrafo, de uma brincadeira de criança ao momento em que seu pai foi levado de casa, revelando ainda costumes populares, superstições, história, suas dúvidas e perspectivas de futuro.

O encadeamento cronológico entre os capítulos se dá mais pela citação de algum fato anteriormente narrado que venha justificar o que está sendo contado em outro capítulo. Raras vezes os acontecimentos são datados e o próprio tempo histórico em que se situa a narrativa não é dado de maneira direta. Apenas a partir dos indícios e comentários infiltrados entre os acontecimentos, podemos de alguma maneira depreender que tudo se passa entre o final de 1985 e meados de 1987. Por exemplo, no primeiro capítulo, “Tulipas”, em que Dzsátá fala sobre a data de aniversário de casamento dos pais, 17 de abril, ele também comenta “estávamos há mais de meio ano sem meu pai” (Dragomán, 2009, p.8). Mais adiante, no capítulo “Fimdomundo” [sic], ao relatar os treinos para um jogo de futebol, Dzsátá nos dá a principal referência para situarmos o ano dos fatos: “aí o coronel disse que de noite havia acontecido um acidente em uma usina nuclear na União Soviética e o vento havia trazido a radioatividade para cá” (Dragomán, 2009, p.33). Vemos aqui uma clara referência ao desastre de Chernobyl, na Ucrânia, em 26 de abril de 1986, que espalhou radiação pelos países mais próximos, incluindo a Hungria. Finalmente, quando o menino consegue rever seu pai, Dzsátá nos revela que se passaram quase dois anos desde que ele havia partido.

Ainda no primeiro capítulo o menino nos conta a história que foi inventada para ele e a revelação da verdade sobre o paradeiro de seu pai, quase lado a lado. Inicialmente lhe foi dito que seu pai havia sido chamado às pressas “por conta de um assunto muito urgente” (Dragomán, 2009, p.8) no centro de pesquisa e que ficaria fora apenas uma semana. Entretanto, quando os mesmos homens que levaram seu pai retornam à casa a fim de realizar uma busca atrás de algum item incriminatório, eles começam a mostrar a realidade ao menino:

(...) que era bom eu saber que eles não eram colegas do meu pai, mas pertenciam ao serviço secreto, que meu pai estava preso porque tinha participado de atividades contra o governo, de modo que por algum tempo eu certamente não o veria, ou melhor, por muito tempo, porque meu pai trabalhava nas obras do canal do Danúbio, se eu sabia o que isso significava, significava que ele estava em um campo de trabalhos forçados, e como era



frágil, não suportaria durante muito tempo e não voltaria nunca mais (...) (Dragomán, 2009, p. 15)

Esta realidade é questionada e posta em dúvida ao longo de toda a narrativa. Ao mesmo tempo em que Dzsátá sabe sobre o campo de trabalhos forçados no Danúbio, ele tem esperança de que isso não seja verdade. Somente quando, no velório do avô, vê seu pai acorrentado e depois, através das grades do camburão cinza, vê “o rosto branco e emagrecido” (Dragomán, 2009, p. 255) do pai ao ser levado embora, ele finalmente precisa aceitar tal realidade. Nesta altura, ele não pode mais ver as coisas com olhos de criança e talvez sua visão do mundo se esfacele, pois ele já não pode mais aceitar com naturalidade tudo que acontece: a violência, a censura, as regras, o sofrimento de sua mãe, a falta de atitude da sociedade ao redor, a indiferença das pessoas ante o sofrimento alheio, as denúncias etc. Podemos dizer que neste momento se dá o fim da infância de Dzsátá.

Em *Budapeste* temos um narrador que nos conta como surgiu seu amor pela cidade e pela língua desconhecidas, através da relação com Kriska, sua professora de húngaro. Antes disso, ele nos conta como foi seu primeiro contato com a cidade, em um momento de conexão forçada em uma viagem de Istambul a Frankfurt. Já levantando voo para retomar seu caminho, José Costa nos mostra um olhar sobre a capital húngara que revela o estranhamento do contato com o desconhecido e uma visão limitada por sua cultura, mesmo sendo ele um homem acostumado a viajar por diversos países:

Quando se abriu um buraco nas nuvens, me pareceu que sobrevoávamos Budapeste, cortada por um rio. O Danúbio, pensei, era o Danúbio mas não era azul, era amarelo, a cidade toda era amarela, os telhados, o asfalto, os parques, engraçado isso, uma cidade amarela, eu pensava que Budapeste fosse cinzenta, mas Budapeste era amarela (Buarque, 2011, p.11).

Este primeiro olhar sobre Budapeste, na voz de José Costa, revela um desconhecimento conformado sobre a cidade. A evocação da peça musical, *Danúbio azul*, como único registro de significação possível para o rio que corta Budapeste e a imagem de uma cidade cinzenta que se revela surpreendentemente amarela nos mostram a medida desse estranhamento. Embora a fala de Costa coincida com o desconhecimento revalado por sua mulher a respeito do destino escolhido para uma viagem de férias, as forças despertadas nos dois são contrárias. Vanda prefere viajar para Londres a ir para a capital de um país do qual mal ouviu falar e do qual desconhece, inclusive, as principais atrações turísticas, enquanto



Costa se sente atraído pela cidade, pela língua húngara e quer descobrir mais, explorar este território ainda ignorado em sua experiência de mundo.

Neste mergulho no desconhecido, a língua húngara é a primeira barreira que Costa precisa transpor:

Sem a mínima noção do aspecto, da estrutura, do corpo mesmo das palavras, eu não tinha como saber onde cada palavra começava ou até onde ia. Era impossível destacar uma palavra da outra, seria como pretender cortar um rio a faca. Aos meus ouvidos o húngaro poderia ser mesmo uma língua sem emendas, não constituída de palavras, mas que se desse a conhecer só por inteiro. (Buarque, 2011, p.9)

Costa ouve de Kriska que “a língua magiar não se aprende nos livros” (Buarque, 2011, p. 41), por isso suas descobertas precisarão acontecer entrelaçando dois aprendizados. Ele precisa estar imerso neste mundo singular para poder entendê-lo e, só assim, desvendar os mistérios da língua; esta, em contrapartida, será a chave que revelará a Costa um mundo que até aquele momento lhe estava vedado.

Mas a língua húngara não é um empecilho somente para quem a desconhece e tenta descobrir seus segredos. Os falantes deste idioma também podem ter dificuldade em deixar o país, pois a pouca expansão de sua língua fora da Hungria é capaz de criar um isolamento, a sensação de pertencer apenas ao território onde aquela língua está constantemente presente. Por este motivo, alguns intelectuais que viveram sob os regimes autoritários na Hungria, entre as Guerras Mundiais e o período da Guerra Fria, optaram por ficar lá, mesmo com todas as restrições que poderiam enfrentar. É o caso, por exemplo, do escritor Imre Kertész, já citado anteriormente:

Eu escrevia e sentia que queria romper este ato. Se partisse de onde as pessoas falavam a minha língua, sabia que nunca mais escreveria. Era tarde. Aos dezesseis anos ainda poderia ter me apropriado de uma língua estrangeira, aos 27, não. Assim, eu tive de ficar, e já que fiquei, devo confessar que as décadas do drama que se seguiram à derrocada da revolução, essa experiência tão assombrosa quanto esmagadora, moldaram minha vida e meu pensamento de modo decisivo (Kertész, 2004, p. 92).

O esmagamento da revolução de 1956 foi um trauma desenterrado trinta e dois anos mais tarde, junto com o corpo de Imre Nagy, executado após ser preso pelos soviéticos. Quando seu corpo foi exumado para ser enterrado com honras e reconhecimento público, seu algoz, János Kádár, retirou-se da política, vindo a suicidar-se dias mais tarde. O reavivamento



do nome de um herói nacional fez parecer aos envolvidos nas manifestações que haveria um novo levante popular. Porém, tal expectativa não se confirmou:

Esse impacto, sugeriam, romperia uma crucial barreira de medo. E então as emoções e as memórias que as pessoas haviam reprimido por metade de uma vida ressurgiriam com sede de vingança. (...) Não houve mobilização social de massa. A participação ativa na política continuou em grande parte confinada à intelectualidade. (Ash, 1990, p.61)

Como podemos ver em *O rei branco*, na vida afetada pela intervenção do poder soviético, conforme é relatada por Dragomán, há uma espécie de aceitação, uma conformação, como foi dito por Kertész. O povo, no geral, abandonou qualquer forma de liberdade de pensamento, adotando como lei natural a intervenção do Estado em cada uma das suas atividades. Os poucos que se negavam a aceitar a interferência e os abusos da polícia secreta em suas vidas, em geral a “intelectualidade” a que se refere Ash, eram severamente punidos. Os insurgentes eram acusados de não serem patriotas e levados a campos de trabalhos forçados, como o pai de Dzsátá; em casos considerados mais graves, passavam para campos de reeducação (dos quais não conseguiam retornar). Os que permaneciam livres perdiam o direito de exercer legalmente sua profissão, como foi o caso da mãe de Dzsátá:

Eu estava fazendo a lição, minha mãe, corrigindo trabalhos, desde que não a deixavam mais dar aulas ela corrigia muito mais trabalhos do que antes, porque antigas colegas muitas vezes lhe davam, em segredo, trabalhos para serem corrigidos, pois sabiam que com o dinheiro que ela ganhava pela faxina nós não conseguiríamos viver (Dragomán, 2009, p. 177).

A prática de tolher os direitos dos cidadãos considerados traidores era comum durante o regime da Cortina de Ferro em todos os países dominados pela União Soviética. Situações análogas às narradas por Dragomán podem ser vistas em diversas obras sobre o período. Já os intelectuais que aparecem na obra de Chico Buarque, por outro lado, pouco estão preocupados com os acontecimentos políticos do país. Eles vivem em uma época sem repressão e podem dedicar-se livremente à escrita de poesia e aos encontros literários: “Dispondo de largo tempo ocioso, Puskás Sándor passara a frequentar a biblioteca, onde gozava de crescente prestígio. E nas sessões públicas de sábado, se sentava à mesa entre celebridades como o prosador Hidegkuti e o poeta Kocsis Ferenc” (Buarque, 2011, p.84). Podemos ver estas diferenças entre as duas narrativas, com relação à liberdade de expressão e de reunião pública na Hungria e à combatividade dos intelectuais, como uma marca das mudanças ocorridas no país.



No entanto, esta sociedade que, segundo Costa, parece ter ciúmes da sua língua e não se abre prontamente ao estrangeiro, guarda um outro traço que, se não foi produzido pelos anos de regime repressivo, foi bastante alimentado por ele: o fechamento para o que está fora. O narrador de *Budapeste* nos informa sobre a existência de um provérbio magiar que diz “fora da Hungria não há vida, se há vida, não é vida”. Ou seja, a única vida que importa é a vivida dentro do território húngaro, usufruindo a cultura, a língua e a companhia do povo desta terra. Assim como os que chegam às portas do inferno, na *Divina Comédia* de Dante, deixam sua esperança, o estrangeiro que vai para este mundo único e diferente deve deixar para trás tudo o que conhece:

Fora da Hungria não há vida, diz o provérbio, e por tomá-lo ao pé da letra Kriska nunca se interessou em saber quem tinha sido eu, o que fazia, de onde vinha. Uma cidade chamada Rio de Janeiro, seus túneis, viadutos, barracos de papelão, as caras de seus habitantes, a língua ali falada, os urubus e as asas-delta, as cores dos vestidos e a maresia, para ela tudo isso era coisa nenhuma, era matéria dos meus sonhos (Buarque, 2011, p.46-47).

Dissemos que esta característica do povo húngaro de ser extremamente ligado à pátria pode ter sido fomentada durante a época do comunismo soviético, pois esta foi também uma época de construção de um patriotismo quase fanático, ainda que sua imposição o mostrasse superficial e oportunista. Agir como patriota era a alternativa ao exílio social. Durante todo o relato de Dzsátá, vemos diversas situações em que isso ocorre: na escola há uma disciplina de *Defesa da Pátria*, na qual se lê um livro com o mesmo nome; todos os alunos da escola vão ao cinema para assistir a um filme chamado *A Construção do País* que fala sobre o plano quinquenal; as crianças que estudam e agem de forma patriótica têm direito a participar do grupo dos *Pioneiros*³; os meninos devem ajudar a cavar as valas por onde passará o novo encanamento de esgoto, ajudando a poupar óleo diesel para o país etc.

Mas, o patriotismo de Dzsátá é posto em dúvida quando é revelado oficialmente que seu pai havia sido acusado de traição e levado para um campo de trabalhos forçados. Então, o menino é excluído tanto dos *Pioneiros* quanto do time *Defensores da Pátria*:

³ Os *Pioneiros* eram um grupo de doutrinação da juventude na ideologia comunista. O lema “juntos um para o outro” encorajava ao pensamento em grupo, um pensamento patriota e socialista. Os alunos do sistema de ensino que se saíam bem nas competições (ginástica, atletismo, coro, literatura etc), ganhavam o direito de ir para os acampamentos de verão do grupo, onde aprendiam ainda mais sobre o patriotismo, socialismo, trabalho comunal e também a delatar aqueles que não seguiam as regras. Há textos disponíveis na internet com uma versão contrária, em que a participação nos *Pioneiros* é vista como um alívio, uma verdadeira colônia de férias. Sobre isso, ver Clark, citado nas referências deste trabalho.



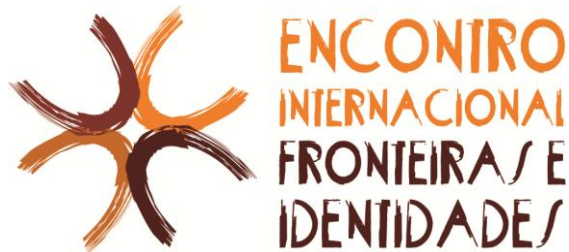
(...) perguntou se de fato gostava de competições patrióticas, porque ele ainda se lembrava bem de como eu havia ficado revoltado quando me tirara do time, eu apenas fiz sinal com a cabeça (...) contei apenas que gostava de atirar, e ele concordou balançando a cabeça e disse que se via que eu segurava a espingarda corretamente, eu era um talento nato, ele sentia muito ter sido obrigado a me excluir da equipe, mas ele não tivera outra escolha, o camarada diretor tinha dito a ele que eu não poderia ser escalado pelo que havia acontecido a meu pai, eu também não era confiável do ponto de vista político, porque o que se ensinava nas competições patrióticas era segredo de Estado, era melhor também para mim que não soubesse dessas coisas porque poderiam me trazer problemas (Dragomán, 2009, p.76-78)

Em *Budapeste*, a traição à pátria húngara também é delatada e punida com o desterro. Ao desvendar os segredos desta língua exilada e usá-los como forma de afronta a um nativo – sua leitura dos *Tercetos Secretos*, outorgados a Kocsis Ferenc, com prefácio de Buzanszky Zoltán, no encontro anual dos autores anônimos – José Costa perde o direito de estar naquele país mítico:

Mas no corredor um homem robusto se apresentou como agente Grosics, da Polícia Federal. Perguntou-me se eu era o Sr. Zsoze Kósta, funcionário do Clube das Belas-Letras, solicitou meu passaporte. Manuseou-o, indagou se eu não dispunha porventura de outros papéis, um visto de permanência, uma licença de trabalho, me fez ver que minha situação no país era de todo irregular. Requisitou meu bilhete aéreo, mas eu não o conservara, por inútil, viera a Budapeste sem passagem de volta. Instruiu-me a procurar minha embaixada, caso me faltassem recursos para a viagem; eu tinha quarenta e oito horas para deixar o território húngaro definitivamente (Buarque, 2011, p. 94).

Entretanto, antes de partir, Costa ainda aproveita o tempo para desfrutar Budapeste ao se despedir de Kriska. Apesar de aparentemente ser um idílico passeio ao lado de sua amada, iniciado com um piquenique na ilha de Margit, suas últimas horas incluem ações bastante cosmopolitas. A noite há dança, vinho e pizza, como em qualquer cidade do mundo. Mas, precisamos lembrar, nem sempre isso foi possível na Hungria. Durante o período da Cortina de Ferro, as saídas noturnas não eram aconselháveis e o consumo era limitado, sobretudo no que diz respeito aos alimentos:

Quando cheguei à rua Arató alguém passou por mim correndo, depois mais alguém, e mais alguém, e todos viravam na rua Hangya, onde ficava o armazém, e então pensei que deveria me apressar, pois eles com certeza corriam porque sabiam que alguma coisa seria distribuída, mas depois eu logo pensei que era bobagem, pois o que poderia ser distribuído?, eu não tinha muita vontade de ficar na fila por margarina, farinha ou ovos (Dragomán, 2009, p. 186).



Dzsátá inicia o capítulo “Abundância” falando sobre uma brincadeira de criança que requer fósforos e sobre como ele faz para consegui-los. Contudo, as cenas que se seguem mostram a realidade dura da vivência neste momento em que o país está fechado para o consumo de bens externos. Até mesmo os alimentos eram regulados. As frutas tropicais, por exemplo, eram compradas no mercado negro; por isso, ao perceber que estão sendo distribuídas bananas e laranjas, o menino corre para se juntar à fila de pessoas em frente ao armazém. Conquanto não perca o tom de sua narrativa ágil e consiga manter o estilo que aflora da memória de um menino fortemente impressionado com os acontecimentos, neste capítulo Dragomán parece trazer não apenas uma crítica contundente, mas uma denúncia mais direta sobre este tempo em que as roupas são de segunda mão e se vende o que pode para ter o que é preciso.

Após a desestabilização do poder do Estado socialista soviético, os países que viviam sob seu jugo puderam abrir as portas para o consumo de bens vindos do ocidente. Com isso, as cidades começaram a adquirir novos ares e hoje as grandes redes de alimentação e vestuário do mundo todo podem se instalar nestes países. Portanto, Vanda, a esposa de Costa, não precisaria temer tanto entediar-se caso acompanhasse o marido na viagem à Hungria: “Budapeste?, e o que tem para fazer em Budapeste? Era difícil responder, olhar o Danúbio?, tomar licores?, ouvir poetas? (...) tem loja de departamentos em Budapeste? Não sei, deve ter confeitarias, excelentes museus.” (Buarque, 2011, p.30). Se Costa tivesse se informado melhor sobre a cidade que pretendia visitar, conseguiria convencer facilmente a esposa a acompanhá-lo. Mas, ele só soube disso quando já estava sozinho explorando as ruas de Budapeste:

Então me lembrei do mapa, busquei a seta vermelha do hotel, eu estava a um palmo da outra banda do rio. Pelo montante de setas, cruces, asteriscos, círculos amarelos, triângulos azuis, deduzi que Pest era mais animada que Buda. Ali estavam os principais hotéis e restaurantes, teatros, cinemas, butiques, shopping centers, e numa rua de intenso comércio notei uma série de aviõezinhos verdes que, segundo o índice, correspondiam a companhias aéreas (Buarque, 2011, p.40).

Obviamente, se Costa houvesse convencido sua esposa a acompanhá-lo na viagem à Budapeste, os rumos da história escrita por Chico Buarque seriam outros e talvez não fossem tão valiosos para esta nossa investigação. Aproveitamos, porém, este relato de exploração de um território desconhecido e quase sem referências, para identificar, com um olhar de



estranhamento e aprendizagem, algumas características importantes da cultura e do povo das margens do Danúbio.

Por certo não conseguimos conhecer a Hungria em seu íntimo. Contudo, ao menos pudemos verificar que, embora o país tenha vivido fechado ao mundo ocidental e sofrido com as restrições impostas pela União Soviética por mais de quarenta anos, seu povo está conseguindo superar as dificuldades e apropriar-se de um estilo de vida mais livre. As marcas deixadas por este longo período de autoritarismo permanecerão na memória e na literatura do país, em outros tantos belos textos como o de Dragomán. Todavia, esperamos que não sejam como cicatrizes entreabertas, mas sim como traços distintivos de uma nova identidade húngara.

REFERÊNCIAS

ASCHER, Nelson. **Pomos da discórdia: política, religião, literatura etc.** São Paulo: Editora 34, 1996.

ASH, Timothy Garton. **Nós, o povo: a revolução de 1989 em Varsóvia, Budapeste, Berlim e Praga.** Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BUARQUE, Chico. **Budapeste.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CLARK, Zsuzsanna. “Crescer no comunismo foi a época mais feliz da minha vida”. In.: _____. **Diário da Liberdade.** Disponível em www.vermelho.org.br/noticia/200678-9. Acesso em: 15/09/ 2014.

DRAGOMÁN, György. **O rei branco.** Trad. Paulo Schiller. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

KERTÉSZ, Imre. **A língua exilada.** Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.